



**OS 12 REBELDES** que Campinas ainda tem: ontem, num restaurante de Campinas, houve uma comemoração, um almoço de 12 pessoas, sem discursos. Já faz 43 anos que aqueles homens, com muitos outros que se foram, pegaram as armas para derrotar a oligarquia perrepista, e conseguir "liberdade com justiça". O Estado de São Paulo, São Paulo, 06 jul., 1967.

Do enviado especial

Ontem, num restaurante de Campinas, houve uma comemoração, um almoço de 12 pessoas, sem discursos. Já faz 43 anos que aqueles homens, com muitos outros que se foram, pegaram em armas para derrotar a oligarquia perrepista, e conseguir "liberdade com justiça".

No almoço, os campineiros que lutaram na Revolução de 1924 falaram de seus mortos, do sargento Barbédo, morto em São Paulo, de Salvador Ribeiro, que caiu com um balim na testa, no Largo 7 de Setembro, perto da Igreja dos Homens Pretos, do sargento Bueno, que morreu afogado no rio Paraná. Falaram também dos outros, que morreram depois, rememoraram as lutas em São Paulo, Paraná, Mato Grosso, a invasão do Paraguai, a Coluna Prestes, o exílio na Argentina, a volta, a prisão.

Os ex-combatentes recordaram os três meses que passaram perto de Guaira, alimentando-se de sopa de milho seco, recordaram o general Isidoro Dias Lopes, Juarez Távora, o brigadeiro Eduardo Gomes, que comandou o tiro contra o Palácio do Governo, recordaram a abordagem do navio "Bell", paraguaio, que usaram para escapar às tropas legalistas.

Em Campinas, os veteranos de 1924 discutem sempre seus ideais, falam da Revolução de 1932, da qual muitos participaram, da de 1964, e todos dizem que, se a democracia for ameaçada novamente, o Brasil pode contar com os veteranos.

#### OS VETERANOS

Do almoço de ontem participaram o tenente Anibal Vilani, responsável pelo abastecimento da coluna revolucionária; Ary Rodriguez; Gumercindo de Campos, ajudante de ordens do general Isidoro Dias Lopes; Nelson Rolando da Silva Camargo, apontador de uma peça de artilharia de montanha que conseguiu acertar uma granada no prédio da chefia de Polícia; Gilberto Pereira da Costa; Reynaldo Husemann, voluntário, que lutou inicialmente no Batalhão Alemão; João Molinari; José Ceccato; Narciso Rodrigues, ferido a metralhadora no "Vagão da Morte"; o tenente Manuel de Lima; José Povea Junior; e Pedro Nogueira, o cacula dos veteranos, que tem hoje 62 anos.

Eles eram do 2.º Grupo de Artilharia de Montanha, do 2.º Grupo Independente de Artilharia Pesada, do 4.º Regimento de Artilharia de Montanha, e do Tiro de Guerra 176, de Campinas.

#### HISTORIA DE ALEMÃO

Reynaldo Husemann, um dos veteranos, havia dois anos era caçador em Mato Grosso, quando estourou a Revolução. Assistiu à divisão das tropas, algumas querendo derrubar o governador, outras apoiando-o, assistiu aos combates e, quando soube que o presidente Arthur Bernardes mandaria reforços aos legalistas, resolveu alistar-se.

Apresentou-se como voluntário no quartel da av. Tiradentes e, enquanto assinava os papéis, começou o bombardeio. Recebeu uma farda e ordem para juntar-se ao Batalhão Alemão, que lutava na trincheira da av. Paulista com a rua da Consolação. Ficou lá alguns dias e, depois, como prêmio por um ato de bravura, foi designado para comandar a trincheira de Vila Guilherme.

Durante a retirada, foi governador militar da cidade de Itatinga, por três dias. Seguiu depois até Mato Grosso, desceu o rio Paraná com as tropas, e subiu o rio novamente, em missão especial, quando foi prês, depois de cercado pelas tropas mi-

neiras. Na prisão, viu seu comandante, Roberto Vogel, ser degolado, embora até hoje os responsáveis por sua morte afirmem que ele está desaparecido. Reynaldo só foi solto por interferência de Julio Mesquita.

#### O CANHÃOZINHO

Nelson Rolando da Silva Camargo, da Artilharia de Montanha, chegou a São Paulo no dia 5 de julho, de madrugada. As peças foram colocadas no Campo de Marte, e começaram a atirar contra o Palácio dos Campos Elísios, mas a pontaria era má — alguns tiros atingiram o Colégio Coração de Jesus.

Por causa dos maus tiros, alguns dias depois, Eduardo Gomes pediu uma peça para alvejar o Palácio mais de perto. O canhão escolhido foi o 105, do qual Nelson era apontador. Rebocado por cavalos, foi colocado num viaduto. O apontador preparou seu "canhãozinho querido", o brigadeiro deu a ordem, cinco granadas foram disparadas. Uma delas caiu no prédio da chefia de Polícia e bastou isso para torná-lo celebre.

#### O AJUDANTE DO GENERAL

A Revolução continuou, mas o Governo Federal mandava tropas do sul, do Nordeste e de Minas, e um dia Gumercindo de Campos ouviu do general Isidoro, de quem era ajudante de ordens, que eles teriam que se retirar.

Pela Noroeste, as tropas rebeldes se foram afastando do litoral; os cavalos, já poucos, mal davam para puxar a artilharia. Chegaram à barranca do rio Paraná, desceram o curso de água, foram a Guaira, sempre combatendo, e pararam em Catanduva. Lá — já era fins de setembro — fortificaram-se.

A tropa, dois mil homens, esperava o ataque. Não havia muita coisa a fazer. A munição faltava, os alimentos também. A "bóia" era milho duro ralado e fervido como sopa. O tenente Anibal, responsável pelo abastecimento, organizava verdadeiras caçadas de gado. Cada vez que aparecia rastro de boi, ele entrava no cerrado acompanhado de muitos homens. Um boi caçado dava sempre alguma carne para variar a comida, mas além das caçadas de perseguição havia os homens destacados para as tocaias nos bebedouros, esperando surgir alguma rês para beber.

#### UM JORNAL

Um dia, um correio chegou ao acampamento levando o "O Estado de S. Paulo". A tropa inteira se reuniu para ouvir a leitura de um discurso, transcrito pelo jornal, de Mauricio de Lacerda, apoiando os revolucionários.

Dias depois, dois prisioneiros fugiram de Catanduva, contaram aos legalistas que os revolucionários não tinham mais munição de canhão, nem alimentos, só balas de fuzil. O comandante contrário decidiu o ataque.

Dezoito mil homens atacaram os dois mil paulistas, mas os rebeldes resistiram muito tempo. Pouco a pouco, todavia, iam sendo cercados, e ficou decidida nova retirada.

#### OS QUE FICARAM

A tropa foi saindo, saíram também os comandantes, Nilton Lear, Nelson de Mello, Juarez Távora. Finalmente havia poucos, cercados, e Felinto Muller resolveu romper o cerco. Alguns o acom-

panharam, mas muitos paulistas quiseram ficar, lutando. Foram vencidos, tiveram que se entregar e, levados prêsos para Clevelandia, perto do Pará, quase todos morreram na prisão, de maus tratos.

A retirada continuou pelas margens do rio, Mario Barbosa de Oliveira com 40 "jagunços" aguentando a retaguarda. Juarez Távora, com um patrulha de reconhecimento de 50 homens, mantinha contacto com o inimigo, também protegendo a retirada.

#### A SERRA DO BOI PRETO

Perto de Porto Mendes foi aberta uma picada, sob o comando do campineiro Ar Rodrigues, e por ela, dias depois, chegaram os elementos que formariam depois a Coluna Prestes. A coluna era de 600 pessoas, entre elas mais de 100 mulheres gauchas, combatentes também. Os paulistas estavam há 10 meses em luta, no sertão, houve problemas, mas os comandantes mantiveram a ordem.

Reunidos os dois grupos, os revolucionários somaram somente 1.200 homens: não dava para enfrentar os legalistas. Os comandantes da Coluna, Luiz Carlos Prestes, João Alberto, Siqueira Campos, reuniram-se com os comandantes do outro grupo e foi dada liberdade para quem quisesse deixar a luta. Quase todos continuaram.

#### INVASÃO DO PARAGUAI

A retirada continuou, já então com as tropas descansadas de Prestes sustentando a retaguarda, e os feridos sofrendo nas carretas de quatro rodas. Foi assim, até Porto Mendes, onde os revolucionários foram cercados, encostados na barranca do rio Paraná.

Os revolucionários abordaram então o navio paraguaio "Bell", e passaram para o outro País, como única solução para alcançar Mato Grosso.

Do outro lado, havia um capitão e oito homens paraguaios. O tenente Cunha foi parlamentar, contar que ia invadir o Paraguai. O capitão disse que resistiria. O tenente replicou então que ele seria morto e o capitão pediu uma hora para se retirar com seus homens. Os revolucionários avançaram.

De lá, a Coluna Prestes seguiu para Mato Grosso. Os outros revolucionários receberam o pagamento, 400 mil réis para cada um, tomaram um navio e desembarcaram em Encarnacion, onde foram internados pelos paraguaios num campo de concentração.

#### PARA A ARGENTINA

Todavia, a alimentação fornecida era pouca, os brasileiros deixavam o campo quando queriam, os paraguaios não conseguiam se opor. O prefeito acabou por solicitar dos oficiais brasileiros que dominassem seus homens. Aos poucos, clandestinamente, os rebeldes atravessavam o rio, entravam na Argentina, por Posadas. De lá, alcançavam Buenos Aires.